



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL

UNIDADE MONTENEGRO

GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS: LICENCIATURA

TATIANE DOS PASSOS DE OLIVEIRA

PERCURSOS: modos de caminhar a cidade

MONTENEGRO

2015

Modos de caminhar
a cidade

Tatiane Passos

TATIANE DOS PASSOS DE OLIVEIRA

PERCURSOS: modos de caminhar a cidade

Monografia apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais na
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Me. Mariana Silva da Silva

MONTENEGRO

2015

Catálogo de publicação na fonte (CIP)

O48p Oliveira, Tatiane dos Passos de

Percursos: modos de caminhar a cidade / Tatiane dos Passos de Oliveira. – Montenegro, 2015.

53 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Unidade em Montenegro, 2015.

Orientadora: Prof.^a Me. Mariana Silva da Silva

TATIANE DOS PASSOS DE OLIVEIRA

PERCURSOS: modos de caminhar a cidade

Monografia apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Artes Visuais na
Universidade Estadual do Rio Grande do
Sul.

Orientadora: Prof.^a Me. Mariana Silva da Silva

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Me. Mariana Silva da Silva
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Prof.^a Me. Carmen Lúcia Capra
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Prof.^o Me. Igor Moraes Simões
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

MONTENEGRO

2015

Agradecimentos

Agradecer... Tanto a agradecer e a tantos. Então: Grata!

Há um tempo me surgiu uma dúvida em meio a tantas outras: de onde vem a palavra *obrigada*? Será que ela obriga, nos força? Descobri que tem algo a ver com agradecer, é tornar grato e ter para com quem nos presta um favor uma dívida de honra.

Agradeço aos irmãos que, mesmo sem entender (nem se preocupar muito com) “O que essa guria anda fazendo da vida”, sempre tiveram paciência quando não tive tempo de ficar um pouco mais em nossas jantãs de sábado. Por me receberem com risadas gostosas e me darem aquela caroninha para a casa de nossa mãe, minha grande parceira!

Aos professores, por compartilharem seus saberes, sua vontade de ver, conhecer e discutir arte. Mostrarem-me a responsabilidade de *ser* professor. Pelas visitas às exposições e aos cafés que vinham depois. A sala de aula sempre se estendeu para a vida. Este *ser* professor é o que levo de mais significativo destes anos de convívio. Quantas vezes me percebi *eles* nas conversas com os estudantes das turmas em que sou professora. Isso me faz pensar no que de mim quero deixar para meus alunos e como isso foge ao nosso controle. O que nos resta é sermos firmes no que acreditamos e ouvi-los, sempre tendo consciência de que nossos frutos não são para colheita imediata. Em especial à querida orientadora Mariana, por ter acreditado na potência do meu trabalho (algumas vezes mais do que eu), por fazer parte mais do que da minha vida acadêmica: pelos passeios, cafés, conversas e o carinho de sempre.

Agradeço aos amigos que me acompanharam desde antes, mesmo alguns que já não estão nesta parte do caminho (nem por isso menos importantes). Aos novos! Destes, em especial, quero falar de três (em ordem alfabética para não distinguir por importância): a querida Andreia, por todas as conversas, todas as jantinhas preparadas com carinho nas vezes em que batia a sua porta assustada, para trocar ideias quando eu não sabia mais o que fazer. Chimarrão com pipoca e melado é muito bom para concentração. A alegre Helenice, por todos os momentos em que compartilhou (e compartilha) sua linda família comigo. Os momentos de tensão em que nos juntávamos para trabalhar no TCC (e não trabalhávamos), as caminhadas no parquinho com as crianças quando já não sabíamos mais o que escrever. “Deveria ficar estudando, mas um passeio para espairar vai ajudar a escrever” eu dizia. “Vai dar tudo certo” dizia ela. Nada melhor que o barulho de uma casa com crianças para despertar a criatividade! A

amada Patrícia por acreditar sempre e apoiar incondicionalmente. Pelas horas e horas de conversas que ajudaram a organizar o pensamento e a perceber o quão lindo este trabalho poderia ser. Cerveja gelada é excelente para organizar as ideias.

Pois! Sou grata por não terem sido obrigadas e mesmo assim terem estado disponíveis. Obrigada! Tenho para com vocês uma dívida de honra e terei prazer em pagá-la.

“Perder-se também é a minha.”

Clarice Lispector

Resumo:

Esta pesquisa de conclusão de curso aborda a caminhada no espaço urbano como meio de explorar possibilidades de criação artística capazes de sensibilizar o olhar para a cidade. Propõe-se, com esta investigação, refletir os variados caminhos e as formas de percorrê-los. Para tanto, busco referências em artistas de diferentes épocas que tiveram no deslocamento o principal mote de suas produções e formas de olhar o mundo. Assim, pensando aspectos sociais e colaborativos da cidade, utilizando e reinventando seus percursos mapeados/experimentados, tento compreender a cidade em ações que exploram o cotidiano, discutindo a legitimidade de meu fazer caminhante enquanto proposição artística.

Palavras-chave: Caminhar. Espaço urbano. Criação artística.

Abstract

This term paper approaches the walking in urban space as a way to explore possibilities of artistic creation able of sensitize the look to the city. By this investigation, I propose to reflect the several ways and means of walk them. In order to do it, I look to artists of different eras who had with the wander the main motto of their productions and ways of looking to the world. Therefore, thinking of social and collaborative aspects of the city, using and reinventing its mapped/tested routes, I try to comprehend the city in actions that explore the everyday, reasoning the legitimacy of my doing walker as an artistic proposition.

Keywords: Walk. Urban spaces. Artistic creation.

LISTA DE IMAGENS

| | |
|--|----|
| Imagem 1: DISTÂNCIAS, 2011, mostra acadêmica Laboratório, Sala Ênio Pinalli, Montenegro, RS. Cristiane Costa, fotografia, 2011..... | 18 |
| Imagem 2: <i>Zona experimental para a deriva: o Centro de Amsterdã, explorado sistematicamente por equipes situacionistas entre abril e maio de 1960</i> | 22 |
| Imagem 3: B8 Bólido Vidro 2. <i>Hélio Oiticica</i> , fotografia, 1963..... | 24 |
| Imagem 4: <i>Parangolé P32, Capa 25. Hélio Oiticica</i> , fotografia, 1973..... | 24 |
| Imagem 5: <i>The leak, FrancisAlÿs</i> , (still do vídeo), 2004..... | 25 |
| Imagem 6: <i>O Paradoxo da Prática, Francis Alÿs</i> , (still do vídeo), 2007..... | 26 |
| Imagem 7: Cartão de visitas desenvolvido no componente curricular Processos de Impressão II, Tatiane Passos, 2015..... | 26 |
| Imagem 8: Quando a Fé Move Montanhas, <i>Francis Alÿs</i> , (still de vídeo), 2002..... | 27 |
| Imagem 9: A estrada que não sabe de nada. <i>Ana Flávia Baldisserotto e Maria Helena Bernardes</i> , registro de caminhada em Eldorado do Sul, fotografia, 2010..... | 28 |
| Imagem10: Registro fotográfico do livro <i>O museu é o mundo – acervo pessoal</i> | 30 |
| Imagem 11: Texto registro de caminhada..... | 31 |
| Imagem 12: Texto experimento de caminhada..... | 32 |
| Imagem 13: Texto experimento de caminhada..... | 32 |
| Imagem 14: Texto experimento de caminhada..... | 33 |
| Imagem 15: Texto experimento de caminhada..... | 33 |
| Imagem 16: Texto experimento de caminhada..... | 33 |
| Imagem 17: Texto experimento de caminhada..... | 34 |
| Imagem 18 – Registro fotográfico das caminhadas (1), Tatiane Passos, fotografia, 2014..... | 35 |
| Imagem 19 – Registro fotográfico das caminhadas (2), Tatiane Passos, fotografia, 2013..... | 35 |

| | |
|--|----|
| Imagem 20 – Registro fotográfico das caminhadas (3), Tatiane Passos, fotografia, 2013..... | 36 |
| Imagem 21: Manifesto Fluxos, 1962..... | 38 |
| Imagem 22: Como explicar arte para uma lebre morta, Joseph Beuys, 1965..... | 39 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Introdução: De onde pra onde: Por que/para que caminhamos?..... | 11 |
| Capítulo 1. As caminhadas como disparadoras de ideias..... | 13 |
| 1.1. Cruzando percursos | 18 |
| Capítulo 2. Os registros como desdobramento poético..... | 29 |
| Capítulo 3. Múltiplo: A arte que não quer ser única | 37 |
| 3. 1. Convite | 40 |
| Considerações finais..... | 42 |
| Referências..... | 43 |
| Anexos..... | 45 |

Introdução: De onde para onde: Por que/para que caminhamos?

De que forma caminhar começou a ser entendido como arte? E o meu caminhar, é possível dizê-lo arte? Estas são algumas questões nas quais me debrucei durante a pesquisa, analisando e refletindo trabalhos de artistas e pensadores que me orientaram ao longo destes percursos, que se cruzam nos estudos teóricos e práticos do curso de Graduação em Artes Visuais - Licenciatura. O trabalho prático consiste em caminhar e em como esta ação pode produzir arte em meio à vida da cidade.

Caminhar divide a vida humana em dois momentos distintos: o antes e o depois de andar. O andar a pé é um divisor de águas no movimento da humanidade, imprimindo-lhe um tempo próprio de deslocamento que mudou drasticamente ao longo da história. A presente monografia tenta entender este deslocar-se como prática poética realizada por diversos artistas, inaugurada na década de 1920 com as caminhadas dos situacionistas, praticadas no território urbano sem interesse em um destino específico e sim em uma construção poética.

A caminhada é, para mim, um atalho no caminho, um desvio que tenta fazer “outra coisa com a mesma coisa”, como fala Michel de Certeau. Observando os trabalhos desenvolvidos durante o curso, percebo que caminhar e observar a cidade sempre foram elementos presentes em meu discurso poético. O caminhar é uma forma de ver e perceber a cidade através das pequenas mudanças diárias, quase imperceptíveis na correria cotidiana. Assim questiono o vagar pelo espaço urbano, abordando a caminhada como meio de explorar possibilidades de criação artística. Conheci este conceito em 2010 no Seminário de Arte Educação, em que a oficina da qual participei foi ministrada pela professora e artista Maria Helena Bernardes. Desde então tenho andado pelas cidades onde passo, pensando de que forma posso transformar minhas caminhadas em práticas artísticas.

Caminhando, fiz vários registros fotográficos e alguns escritos, sendo que, estes últimos, aparecem em itálico no decorrer desta monografia. Realizei alguns modos de caminhar a cidade que chamei de experimentos, os quais, juntamente com os registros fotográficos e textuais, foram colocados em envelopes, num total de cinquenta, distribuídos antes da banca final. No envelope também está um convite para um chá que

ocorre no mesmo dia e local da banca (dia 15 de dezembro de 2015, às 15 horas na Estação da Cultura em Montenegro) e um pequeno envelope verde com um cartão de visitas onde se lê a frase *Fique um pouco consigo mesmo.*

No primeiro capítulo, abordo as caminhadas como disparadoras de ideia, trazendo referenciais de artistas e teóricos que me ajudam a compreenderes o caminhar enquanto arte e os cruzamentos entre estes e minha caminhada durante os seis anos de curso.

No segundo capítulo, trago os registros das caminhadas realizadas por mim e falo de que forma estes registros foram se constituindo enquanto processo de criação artística, à medida em que me ajudaram a compreender o caminhar no espaço urbano como arte.

O capítulo três traz estudos sobre o múltiplo, fazendo um breve levantamento histórico de seu surgimento no campo das artes visuais, através de artistas que se apropriaram deste conceito para falar de uma arte que não queria se restringir ao espaço da galeria, sendo compartilhada e colaborativa.

Queria poder falar da sensibilidade de um camelo. Mas não os conheço muito bem. Não o suficiente para saber de seus sentimentos. Poderia falar da sensibilidade dos humanos. Mas já ouvi que a minha é igual à de um “elefante manco com espinho na pata”. Será que a pessoa que me disse isso entendia de elefantes? Cheguei à conclusão de que sensibilidade é outra daquelas palavras que não cabem no dicionário.

.....

1. As caminhadas como disparadoras de ideias

Caminho de dia, à noite, ando por ruas que nem imaginava que existiam. Não sei como transcrever, traduzir este pensamento em objeto artístico. De tanto andar já sinto dores nas pernas. Escrevo algumas coisas que penso durante estes percursos. Mas a quem isso interessa? E agora? Como transformar isto em visualidade? Como expor estas ideias na galeria? Para que?

.....

“Caminhar: andar, percorrer (a pé), marchar”. (BUENO, p.14). Esta explicação resumida em três palavras é a definição do dicionário para a ação simples e cotidiana, quase mecânica. Como todas as definições de dicionário, esta não poderia ser diferente: ela não dá conta da dimensão dos fatos, o universo poético que pode existir nas palavras. Caminhar define um marco da vida humana que divide a infância em dois momentos distintos: o antes e o depois de andar. “Caminhar é, certamente, uma das ações mais vitais do ser humano”. (GONÇALVES, 2008, p. 12). Mais do que isso, o deslocar-se a pé é um divisor de águas na história da humanidade, como traz Francesco Careri no livro *Walkscapes: O Caminhar como Prática Estética*:

A história das origens da humanidade é uma história do caminhar, é uma história de migrações dos povos e de intercâmbios culturais e religiosos ocorridos ao longo de trajetos intercontinentais. É às incessantes caminhadas dos primeiros homens que habitaram a terra que se deve o início da lenta e complexa operação de apropriação e mapeamento do território. (CARERI, 2013, p. 44.)

A presente monografia é resultado da observação dos movimentos decorridos nos seis anos de estudo no curso de Graduação em Artes Visuais – Licenciatura, dentro e fora da sala de aula. Na caminhada acadêmica e naquelas realizadas pelos lugares por onde passei, fui tentando entender por que deslocar-se se constituía em prática poética realizada por artistas que conheci ao longo desses anos, como coloca Gonçalves (2008, p. 9), “Não a caminhada com vistas num resultado, num fim, mas como processo de construção poética”. Olhar para trás e observar os trabalhos desenvolvidos durante o curso me mostra que o andar observando a cidade sempre foi elemento presente em meu discurso poético.

A arte está onde as coisas acontecem, no momento de olhar para o que está à nossa volta, nas transformações que acontecem na cidade. O olhar é uma forma de

perceber a passagem do tempo através das pequenas mudanças diárias, transformações quase imperceptíveis na correria cotidiana. A caminhada é, para mim, um atalho no caminho, um desvio que tenta fazer “outra coisa com a mesma coisa” (p. 178), como diz Michel de Certeau:

Em primeiro lugar, se é verdade que existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades (por exemplo, por um local por ordem é permitido circular) e proibição (por exemplo, por um muro que impede prosseguir), o caminhante atualiza algumas delas. Desse modo, ele tanto as faz ser como aparecer. Mas também as desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou invariações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais. [...] Da mesma forma, o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial. E se, de um lado, ele torna efetivas somente algumas das possibilidades fixadas pela ordem constituída (vai somente por aqui, mas não por lá), do outro aumenta o número dos possíveis (por exemplo, criando atalhos ou desvios) e o dos interditos (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos ou obrigatórios). Selecciona, portanto. (CERTEAU, 2002, pp. 177/178)

Penso que a seleção à qual Certeau se refere poderia impulsionar experimentos enquanto prática poética, aceitando os desvios que por vezes o acaso no caminho nos impõe.

Fiz uma caminhada forçada. Pensei meu roteiro e no final tive que mudar o trajeto. Saí de casa para ir a Uergs, depois até supermercado Nacional na intenção de usar o caixa eletrônico. Claro que ele não estava funcionando. Assim, tive que descer algumas quadras (muitas quadras) para ir até a agência. No percurso passei por diversas coisas que, no meu entendimento, estavam fora do lugar. A conta de luz do senhor?..... O cachorro fofo se aquecendo dentro de uma caixa de papelão. Uma vitrine horrível. Pessoas caminhando na esteira de uma academia (estranho pagar para caminhar sem sair do lugar). Lixo, muito lixo. Um homem rezando dentro de uma loja. Um sorvete de plástico, rosa, gigante na frente de uma lancheria. Propagandas de promoção de sagu coladas na calçada com papel barato e fita crepe. Uma placa na frente da carrocinha de cachorro quente (bem frio por sinal), que dizia: “CACHORRO COM DUAS SALSICHAS 5,50”. Sem a opção de escolher uma salsicha só. Lixo, muito lixo.

.....

Assim debato o vagar pelo espaço da cidade, abordando a caminhada como meio de explorar possibilidades de criação artística. Ao refletir sobre os trajetos já percorridos percebo o ato de caminhar em si como criação, mas de que forma *eu* posso fazer isso? De tudo que vi nos últimos seis anos de faculdade, o fato de caminhar ser uma prática artística é o que mais me inquieta. Durante o Seminário de Arte Educação na Fundação Arte de Montenegro (Fundarte), em 2010, ouvi a professora e artista Maria

Helena Bernardes falar sobre este tema pela primeira vez. Desde então tenho andado pelas cidades onde passo, pensando de que forma posso transformar essas caminhadas em prática artística. Penso se isso é realmente possível. Como fazer com que minhas caminhadas sejam um fazer artístico? Como minhas reflexões durante estas caminhadas podem me ajudar a falar de arte?

Poderíamos estar apenas eu e o pescador neste lugar. Lá longe onde ele joga a linha no mar talvez pense: Poderia estar apenas eu neste lugar. Mas para mim a presença dele compõe a paisagem. O mar vai e volta. O paredão de pedras. O céu claro, poucas nuvens. Sol ardendo na pele. A grama verde, o caderno de anotações. Árvores... moscas... ou seriam abelhas? Mas tem cigarras cantoras. E o pescador! Recolhe a linha com paciência de pescador. A gaivota. Será que ela também desejaria estar sozinha? Por que as outras pessoas não vão embora? Às vezes esqueço que elas estão aqui. Mas elas gostam de se fazer presente. Mesmo as que estão em silêncio me incomodam. Espio para o lado. Tem um pé ao meu alcance. Bem que eles poderiam levantar e ir embora. Dai seríamos a gaivota, o pescador e eu. Talvez o pescador, lá de longe pense: Como seria bom se ela fosse embora. Talvez a gaivota pense o mesmo do pescador. Talvez o casal que discute a relação pense o mesmo de nós todos. Aqui também tem sabiás.

.....

Nicolas Bourriaud, ao falar do fazer do artista como diferente dos demais fazeres da sociedade, faz uma crítica a esse pensamento. “Muitas pessoas definem a arte por oposição ao trabalho, demonstrando assim a pífia opinião tanto de uma quanto de outro” (BOURRIAUD, 2011, p.11). Essa visão distancia a arte do tempo vivido, colocando-a em posição de superioridade em relação à vida cotidiana. Justamente este, que é um ponto importante da pesquisa, me coloca em conflito. Como algo tão corriqueiro e vivo como caminhar pela cidade é arte? Arte não deveria produzir objetos? Estas estão longe de serem discussões novas no sistema da arte. Maria Helena Bernardes e André Severo, afirmam que:

No campo artístico não se busca uma interpretação desse princípio e é evidente que a maior parte dos agentes do campo cultural concorda que a arte pode ser muito mais do que a produção de obras com início, meio e fim. Como frequentemente se ouve na arte, hoje, “tudo é possível”. Existe, de fato, um avanço em relação ao debate histórico em torno da desmaterialização do objeto de arte. Diz-se: “tudo é possível na arte”, contanto que o trabalho do artista revele certa qualidade, coerência, pesquisa, dedicação, seriedade, etc. Assim aprendemos nos bancos escolares, assim lemos nas monografias e ouvimos nos seminários de arte contemporânea. (BERNARDES; SEVERO, 2011, p. 15).

Esta citação aproxima-se de indagações que tenho feito sobre a natureza de minha produção artística. De início, pensei em expor na galeria uma caixa de MDF com 30cm por 30cm. Uma caixa de guardados de memória e de tempo. Os vestígios do caminho me pareciam algo a ser mostrado enquanto trabalho. Nesse objeto estaria contido tudo que poderia me ajudar a falar sobre as caminhadas: os relatos de caminhadas, fotografias, o cartão de visitas *Fique um pouco consigo mesmo*¹, um convite para um chá, fichas com textos indicando experimentos já realizados² como sugestão a ser vivenciada por quem visitar a exposição, um mapa da cidade de Montenegro, marcando pontos não turísticos, mas significativos para mim, 500 metros de cordão semelhante ao indicado no experimento nº1 (metragem esta aproximada a distância entre os locais percorridos), sementes de diversas espécies para serem semeadas no experimento nº2, relatos de conversa com moradores de rua, índice dos objetos da caixa.

Na pré-banca deste trabalho de conclusão, foi-me indagado pelos professores Carmen Capra e Igor Simões sobre a produção de algo para a galeria. Durante a pesquisa, as ideias foram se modificando e amadurecendo, assim expor um objeto na galeria foi gradativamente perdendo a obrigatoriedade e dando sentido ao processo, e a esse, a força de trabalho artístico. Retomando a fala de Bernardes e Severo:

A cada um cabe definir o tipo de autor que deseja ser; o que espera que seu trabalho proporcione a si e aos outros; que formas, meios e veículos podem possibilitar um encontro potente entre seu trabalho e as outras pessoas; ou, parafrazeando Beuys: qual é a melhor forma de fazer o que temos a fazer? (BERNARDES; SEVERO, 2011, P. 15).

A partir daí, pensar no formato que o trabalho prático teria ficou mais fácil, apesar do receio de assumir um lugar que não a galeria, por mais óbvio que parecesse e mais significativo que se mostrasse também trouxe a ansiedade do diferente no contexto das bancas de TCC que eu conhecia. Estava tudo resolvido: eu tinha realizado diversas caminhadas por lugares diferentes na companhia de uma máquina fotográfica e um caderninho de anotações, no intuito de registrar tudo que pudesse me ajudar a falar

¹ Trabalho artístico que consiste em um cartão de visitas desenvolvido na disciplina Processos de Impressão II, 2013. Este trabalho será abordado no capítulo 2.

² Experimentos: Modos de caminhar a cidade pensados a partir da referência de artistas estudados. Nº 1: cordão, Nº 2: semear em terreno baldio, Nº 3: andar ao acaso e ler poesias, Nº 4: convidar os amigos para um piquenique, Nº 5: desenho no ônibus, Nº 6: descrever um lugar especial. (Este último traz referência do primeiro projeto de pesquisa).

sobre estes lugares e percursos posteriormente. Fotografei muitas coisas, fiz alguns vídeos, juntei objetos, escrevi um pouco. Hoje percebo que os escritos têm um valor diferente dos demais registros. Escrevi sobre como eu percebia o que tinha acontecido contando pequenas histórias e ações que realizava nos lugares (semear em terrenos baldios, convidar amigos para piquenique, ficar um tempo comigo mesma), ideias estas que foram atravessando meu caminho com as leituras e conversas do dia a dia. Com o passar do tempo fui deixando de juntar coisas e fazer filmagens. A fotografia também perdeu espaço ao longo do tempo. A subida do morro São João, que citarei com mais detalhes posteriormente, me propus a realizar sem fotografar (no final fiz alguns registros do pôr do sol). Em contrapartida, esse é um dos maiores textos, assim que cheguei em casa, sentei para escrevi-o. Parando para pensar nisso tudo, percebo que não preciso de tantas coisas para dizer o que pretendo. Aliás, contar o que aconteceu já seria um processo artístico segundo BERNARDES e SEVERO, 2011,

Afinal, existem tantas possibilidades de compartilhamento da experiência artística quantas forem as estratégias de criação, o que, aliás, é explorado a exaustão pelos eventos culturais e publicações em arte contemporânea. (BERNARDES; SEVERO, 2011, p. 12).

Decidi olhar para todos estes objetos e selecionar o que realmente é significativo neste momento. Restaram as imagens, os escritos, o cartão de visitas *Fique um pouco consigo mesmo* e um convite para um chá que se realizará no dia da banca. Coloquei todos estes vestígios das caminhadas dentro de um envelope para dar a quem se interessar em ir à banca. Neste dia, pretendo estender a toalha de piquenique, que vem me acompanhando há algum tempo, tomar chá e conversar acerca das questões que envolvem este trabalho. Penso que posso chamar este encontro de *ocorrência*, conceito abordado por Bernardes em textos e debates do Projeto Areal. Segundo ela nos coloca no texto “O Brasil no horizonte”, 2006:

Como bem indica o vocábulo *ocorrência*, minha intenção foi acercar o leitor de um tipo de expressão em arte que não exhibe a si própria (em uma auto referência), e nem alude a um objeto ausente (como metáfora). Ela simplesmente *ocorre* no terreno da cotidianidade, assim como pode ocorrer de um ônibus passar na nossa frente na avenida. Porém, se tal passagem cotidiana e trivial, estiver inscrita em uma proposição artística, ela já será outra passagem. Para além do cotidiano e do trivial. (BERNARDES, 2006, p. 387).

Entretanto, o que está contido no envelope é importante, pois fala do já ocorrido: das caminhadas que iremos falar no dia do chá/banca.

1.1. Cruzando percursos

Caminhamos para que? Por que caminhar? A relação da caminhada com a produção artística parece, à primeira vista, algo novo. Surpreendi-me no início do curso de Graduação em Artes Visuais ao descobrir que caminhar, transitar pelas cidades, consistia em formas estéticas de experienciar o mundo, transformando-as em visualidade a ser compartilhada. Depois da surpresa o encantamento com esta que, para mim, era uma nova forma de criação artística. Busquei, assim, motivação para minha pesquisa. Nesse sentido, o caminhar pela cidade é ato criativo e provocador. Deste modo, busco no espaço vívido os desdobramentos poéticos deste trabalho para que, com estas caminhadas, possa “produzir lugares” como diz (Careri, 2013, p. 44).

Uma de minhas primeiras propostas enquanto estudante de Artes Visuais foi o trabalho *Distâncias*, realizado em 2011. Nele, fiz uma intervenção ao deslocar-me no trajeto entre a casa onde morei (Rua Guarapari, número 120, Bairro Centenário, Montenegro) e a parada de ônibus mais próxima daquela casa, localizada na estação rodoviária da cidade (Rua Ramiro Barcelos, número 205, Bairro Centro). Percorri a distância a pé, deixando para trás um rastro de cordão cru, usado para fazer artesanato, por ser barato e resistente. Nesse dia pensava em como seria a reação das pessoas que me vissem caminhando e deixando cordão pelo caminho. Poucas pessoas passaram no horário em que realizei a ação. Elas ficavam olhando, mas não perguntavam nada.

Imagem 1 - *DISTÂNCIAS*, 2011, mostra acadêmica Laboratório, Sala Ênio Pinalli, Montenegro, RS. (Fotografia de Cristiane Costa). Fotografia, 2011.



Fonte: acervo pessoal.

Durante o percurso, fotografei os diferentes tipos de calçamento encontrados. Estas fotografias são, para mim, o registro do trabalho, não se constituem como o trabalho em si. Acredito que, naquele momento, a ação de demarcar um trajeto foi mais importante do que produzir imagens.

Domingo. O sol. Pessoas passando pelo Brique da Redenção. – Aceita um panfleto da Semana Internacional de Arte? -Não! Sim! Obrigada! Já peguei. Não! O que é? Eu quero! Pessoas apressadas. A pressa não faz sentido num domingo de sol. (Especialmente se você estiver em um parque.) Almoço no? Esqueci o nome do restaurante. Mas o sabor da comida não. Muito bom! Duas horas da tarde é um ótimo horário para terminar o almoço de domingo. – E o cordão? – Será que é legal fazer isso? Será que é uma boa ideia? (VERGONHA) Ah não! Vamos lá! Segura essa ponta que eu vou desenrolando. Não vai parar. Prende no pé do banco. Sim! Ah! Escapou. Vamos lá. Acabou. (O que será que aconteceu depois?)

.....

Penso em como as distâncias interferem em minha vida e como eu poderia alterar o olhar para cidade no sentido de vivenciá-la, deixar-me afetar, conviver com ela. Pensar sobre os caminhos que percorremos diariamente: casa, trabalho, faculdade, banco, mercado, escola das crianças, conduz muitas vezes ao medo que a violência do trajeto nos impõe, “feita de movimentos incessantes de gente e máquinas, o calor dos encontros, da violência dos conflitos” (ROLNIK, P. 11, 1995). Este é o lugar onde tudo acontece.

Caminhar para ouvir silêncio. Silêncio dos pneus da bicicleta passando nas pedras. Dos galhos partindo quando piso neles. Silêncio. Dos dois homens que passam conversando. Do homem do algodão-doce e sua buzina infernal. (Olho. É uma mulher). Silêncio do filho e seu pai (ou seria padrasto?) brincando na pracinha. Das meninas que ouvem uma música estranha e filmam uma a outra em uma performance quase sensual. Silêncio dos motores dos carros e motos que passam na outra rua. Das pegadas de quem passa em silêncio. Silêncio do cão preto e do lápis na folha do caderno quando paro para fazer uma anotação ou outra.

.....

Seria a cidade realmente um lugar que deveríamos temer? Ela que, no decorrer das transformações da humanidade, foi pensada para ser um lugar ideal e de

igualdade entre seus moradores. Entretanto, podemos perceber facilmente que ela não se adapta a essas tentativas de padronização pois, é viva, móvel e orgânica e com o olhar um pouco mais atento, podemos perceber seus *novos velhos lugares* entre uma caminhada e outra em um percurso conhecido. Talvez um dos problemas deste lugar seja justamente este *igual*. Talvez ele não nos permita ver o diferente, algumas vezes sutil e conviver com as diferenças, que para mim é a grande poesia da cidade vivida. Cidade de relações colaborativas entre seus moradores, referida pela Internacional Situacionista desde a década de 1950, como veremos mais adiante. Ou da cidade lúdica dos surrealistas, que se opõe ao perfeccionismo que o pensamento moderno tentou imprimir a ela, pois a cidade é lugar de convivência do humano e ele não é perfeito. Então o que tememos? Seria o lugar ou o outro que vive nele?

O filósofo Vladimir Saflate, em entrevista ao programa Café Filosófico³ fala sobre a lógica do condomínio. O condomínio é o lugar que nos protege do outro que não sabemos quem ou o que é. E quem é esse *outro* senão nós mesmos? Segundo o autor, deixamos de andar nas ruas para nos proteger de um perigo iminente, de um futuro trágico que queremos controlar. Como se em um passo adiante sempre estivesse alguém pronto a nos atacar.

Parece-me que, se nos deixássemos ocupar os espaços, não precisaríamos temê-los, tendo em vista que o medo (assim como as distâncias) é subjetivo. Em conversa com uma amiga que desde sempre morou em grandes cidades (Caxias do Sul, depois Porto Alegre), cheguei à conclusão de que os medos são muito mais produtos de uma construção social do que da realidade vivida. Nessa conversa, relatei uma caminhada que realizei subindo o Morro São João, Montenegro. Falávamos sobre os riscos de caminhar em tal lugar, questionando sobre a real existência desses perigos. Foi quando nos demos conta de que estávamos falando de coisas totalmente diferentes. Ela falava sobre o perigo de encontrar animais peçonhentos, eu de encontrar usuários de drogas. Ou seja: o medo é imposto em nossa formação mudando de foco de acordo com o

³ Entrevista de Vladimir Saflate para o programa Café Filosófico/sem data, no canal <https://www.youtube.com/watch?v=9mUmZQ6o8mk> visualizada no site. Acesso em: 28/10/2015.

lugar de onde viemos. Será que este medo nos protege ou nos paralisa? A quem isso interessa?

Sábado foi um dia bastante especial. Realizei um desejo de infância: subir o morro São João, em Montenegro. Depois de um tempo, estava perdida sem um “lugar especial”. Descobri que lá em cima é bem especial. Pensei que fosse ficar com medo, pois muitas pessoas falam do “perigo” de subir o morro. Desabamentos, tráfico de drogas, assaltos e toda essa cultura do medo. Subi observando o caminho, procurando o local (ou locais) onde pudesse haver desabamento. Percebi que o único tráfico que poderia haver lá em cima seria eu mesma fumando um cigarro. (Eu não fumo, quase nunca). Fui assaltada por um pôr de sol (quase não consigo descrevê-lo no momento). Tão lindo, que tive vontade de passar a noite lá. Fui com uma amiga muito querida. Não teria medo de ir sozinha. Senti-me segura e acolhida. Costumava dizer que essa minha subida ao morro estava “encantada”, não pela beleza do lugar e sim pelas diversas oportunidades de fazê-la que deixei passar. Não passamos a noite. Os compromissos da vida nos chamaram de volta assim que o sol se pôs. Descobri um novo lugar e notei que não preciso temer o desconhecido (pelo menos antes de conhecê-lo).

.....

Depois do questionamento dos professores na pré-banca, comecei a me perguntar acerca do “tempo guardado em uma caixa”, ao qual me refiro no início deste capítulo. Será que realmente quero guardá-lo? E o que é guardar esse tempo? Saflate afirma que atualmente vivemos no tempo da expectativa, submetendo-nos a uma projeção do porvir e esse modo de agir não nos permite criar, pois nos aprisiona na invenção de um futuro (trágico) que na realidade não existe, mas tem a capacidade de nos paralisar. Para este pensador, o não saber não pode nos neutralizar, deve nos impulsionar para novas criações, uma vez que as experiências anteriores habitam o tempo presente e não em um futuro distante e obscuro que detém nossa integridade.

Desde a década de 1920, os artistas dadaístas praticavam a caminhada no território urbano como meio disparador de ideias. Desenvolvendo um modo novo de desvendar tal território, que se constitui nessa época como espaço de convivência da maneira como o conhecemos hoje. Estes artistas influenciaram a Internacional Situacionista, grupo formado por jovens idealistas franceses, que buscavam uma

alternativa para resistir ao que chamavam de “sociedade do espetáculo”⁴. Através da prática das derivas, faziam de suas caminhadas pela cidade um ato de reflexão, criação e reinvenção a partir desse espaço.

Entre os diversos procedimentos situacionistas, a deriva se apresenta como uma técnica de passagem rápida por ambiências variadas. O conceito de deriva está diretamente ligado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico-constructivo, o que o torna absolutamente oposto as tradicionais noções de viagem e de passeio. (JACQUES, 2003, p. 87).

Imagem 2 – Zona experimental para a deriva: o Centro de Amsterdã, explorado sistematicamente por equipes situacionistas entre abril e maio de 1960.



Fonte: imagem retirada do site Vitruvius.

A deriva é uma prática que consiste em deixar-se levar pela cidade, fruindo seus espaços e trajetos marcados pelo acaso, é uma forma de vivenciar e romper com a racionalidade do espaço tendo este como um momento lúdico. Os situacionistas fizeram uma forte crítica à arte das galerias e dos sistemas dominantes. Para eles a arte não está no objeto criado pelo artista e sim no tempo vivido nos espaços compartilhados. Para Bourriaud:

A crítica situacionista da arte, que visa abolir a atividade artística, refere-se essencialmente à “sua função enquanto espetáculo”: trata-se então de inventar uma arte de viver que realize a arte no cotidiano, e não de viver de forma diferente a relação com a arte ou revitalizar uma pela outra. (BOURRIAUD, 2011, p. 89).

⁴ A Sociedade do Espetáculo: Livro escrito por Guy Debord publicado em 1967 em que o autor desenvolve uma teoria crítica sobre consumismo e a sociedade capitalista.

Deste pensamento se aproximam os trabalhos do artista brasileiro Hélio Oiticica (1937 – 1980). Artista performático, pintor e escultor para quem as ruas da cidade eram locais caros e potentes ao seu processo criador. Dela, o artista recolhia elementos como areia, água, asfalto e os colocava dentro de recipientes denominados por ele de Bólides. Além dos elementos internos desses recipientes, muitos deles eram recolhidos na rua. Assim, o artista levava a cidade para dentro dos espaços de arte. A partir desse processo de pensar a rua dentro da galeria, Oiticica começa a questionar o sistema da arte na busca da desconstrução dos modos de criação existentes. Na década de 1960, Oiticica criou capas e estandartes que somente teriam sentido enquanto obra de arte quando utilizados pelas pessoas. A estes objetos, ele deu o nome de *Parangolés*. Os *Parangolés* são feitos de tecidos coloridos que deveriam ser utilizados pelo público estabelecendo diálogos entre estes e a obra, ressignificando aspectos da vida cotidiana e tecendo novas relações entre arte e público. Com o *Parangolé*, Oiticica propõe a participação ao invés da contemplação do espectador em relação à obra. O artista fala de "incorporação do corpo na obra e da obra no corpo" (OITICICA, p. 79, 2011), propondo, assim, o que chamou de *antiarte*.

Antiarte – compreensão e razão de ser do artista não mais como um criador para a contemplação, mas como um motivador para a criação – a criação como tal se completa pela participação dinâmica do “espectador”, agora considerado “participador”. Antiarte seria uma contemplação da necessidade coletiva de uma atividade criadora latente, que seria motivada de um determinado modo pelo artista. (...) não há a proposição de um “elevar o espectador a um nível de criação” (...), mas de dar-lhes uma simples oportunidade de participação para que ele “ache” aí, algo que queira realizar – é, pois, uma “realização criativa” o que propõe o artista, realização esta isenta de premissas morais, intelectuais ou estéticas – a antiarte está isenta disso – é uma simples posição do homem nele mesmo e nas suas possibilidades criadoras vitais. O não “achar” é também uma participação importante, pois define a oportunidade de “escolha” daquele que se propõe a participar. (OITICICA, 2011, p. 79)

Imagem 3 – B8 Bólido Vidro 2. Hélio Oiticica, fotografia Antônio Caetano, 1963.



Fonte: Site Itaú Cultural.

Imagem 4 – Parangolé P32, Capa 25. Hélio Oiticica, fotografia, 1973.



Fonte: site Itaú Cultural.

O caminhar pela cidade como ato criativo também é evidenciado pelo artista belga Francis Alÿs (1959), em várias de suas obras. A caminhada indica um interesse pelos percursos urbanos como reinvenção dos lugares mapeados pelo artista. A obra *The leak* (O vazamento), 2004, aproxima-se de minha ação com o cordão, (imagem 1), pois em seu trabalho, Alÿs anda pela cidade com uma lata de tinta furada derramando o líquido pelo espaço percorrido. Dessa forma, Francis Alÿs demarca e mapeia a distância que percorre.

Imagem 5 - Francis Alÿs, *The leak*, fotografia, 2004.



Fonte: Site oficial do artista.

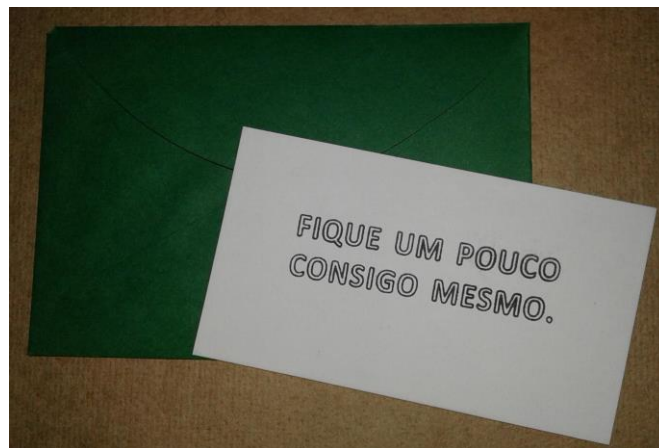
Em 1997, Alÿs realizou o trabalho *O Paradoxo da Práxis*, uma caminhada pela cidade do México empurrando uma barra de gelo até seu completo derretimento. Essa caminhada solitária remete à frase: *Fique um pouco consigo mesmo*, carimbada nos cartões de visita desenvolvidos na disciplina Tridimensional II, que traduz as caminhadas solitárias que realizei na época. Estes cartões falam do gesto solitário que muitas vezes acompanha o caminhante.

Imagem 6: Francis Alÿs, *O Paradoxo da Práxis*, (still do vídeo), 2007.



Fonte: Site oficial do artista.

Imagem 7: Cartão de visitas, 2013.



Fonte. Acervo pessoal

O caminhar solitário e reflexivo ao qual se refere a frase “*Fique um pouco consigo mesmo*”, nem sempre é uma constante nas produções de Alÿs, cujas ações colaborativas também fazem parte de seu modo de ver e pensar a cidade. Em 2002, Francis Alÿs realizou *Quando a Fé Move Montanhas*, em que 500 pessoas de Ventanilla, periferia de Lima, Peru, formaram uma equipe colaborativa ao pé de uma grande duna e a deslocaram 10 centímetros utilizando pás. O artista diz que a maioria das ideias para seus projetos nasce em uma caminhada. O caminhar gera e constrói sua poética:

A ideia inicial de um projeto nasce, quase sempre, em uma caminhada. Como artista, minha situação é idêntica a de um passante que tenta, o tempo todo, situar-se em relação ao mundo à sua volta. Meu trabalho é uma sucessão de

notas e roteiros. (BERNARDES, Maria Helena. **Arte e vida cotidiana** - 22º Seminário de Arte Educação, 2010).

Imagem 8: Francis Alÿs, *Quando a Fé Move Montanhas* (still de vídeo), 2002.



Fonte: Site oficial do artista.

Maria Helena Bernardes fala de um “estado de disponibilidade”, pois quando estamos dispostos e atentos a estes lugares a vida acontece de forma mais simples e fluida:

o fato é que exercitar a abertura constante ao que quer que cruze nosso caminho, em uma espécie de alongamento espiritual, era exatamente a natureza deste “serviço” como costumávamos nos referir a nossas saídas exploratórias. Assim, a fidelidade ao pacto de entrega e o gosto pelo Eldorado nos colocou na estrada mais uma vez. (BALDISSEROTTO E BERNARDES, 2012, p. 61)

No livro *A Estrada que não sabe de nada*, Ana Flávia Baldisserotto e Maria Helena Bernardes relatam as experiências vividas na cidade gaúcha de Eldorado do Sul. Lá, elas alugam uma casa, conhecem pessoas, animais, escrevem uma novela explorando a cidade e instigando o interesse do outro em relação a essas ações e lugares. Olhando os deslocamentos percorridos diariamente como suscetíveis de ações criativas. Sendo assim, a cidade torna-se um lugar de criação e produção de proposições artísticas e o indivíduo, autor de suas próprias ações. Este fazer é um viver artístico em que as artistas pertencem à vida cotidiana do local sem estabelecer regras do que seja certo ou errado. Assim como para Oiticica, quando diz que “não existe, pois, o problema de saber se arte é *isto ou aquilo* ou deixa de ser”. (OITICICA, 2011, p.81).

Imagem 9 –*A estrada que não sabe de nada*. Ana Flávia Baldisserotto e Maria Helena Bernardes, Registro de caminhada em Eldorado do Sul, fotografia, 2010.



Fonte: Registro do livro *A estrada que não sabe de nada*.

Caminhar para explorar, pesquisar, conversar, ouvir, olhar, registrar através de fotografias, escritos e falas: são algumas das questões que proponho a quem se disponibilizar a conhecer este trabalho.

Caminhar, Caminhar, Caminhar, Caminhar. Hoje somos apenas você e eu Lugar! Acredito que o tal do paraíso seja uma invenção das pessoas e sendo assim cada um inventa o seu. O meu é bem assim. Quanta coisa se descobre caminhando. Nem pescador, nem gaivota, nem casal de namorados, nem pés num raio de pelo menos um quilômetro. Já é o suficiente para saber como seria o mundo sem pessoas. Dois aventureiros passam quase despercebidos. Não é o bastante para quebrar o barulho do silêncio.

.....

2. Os registros como desdobramento poético

“Caminhar é ter falta de lugar.”

Michel de Certeau

Em tempos de pressa é difícil deslocar-se a pé. Dispomo-nos a estar em diferentes lugares no mesmo dia e isso traz a necessidade de um deslocamento rápido, o que implica no não caminhar. Ontem, indo de casa para o mercado, ouvi um rapaz na rua dizendo: “Vim de Lajeado. Passei por Estrela. Agora estou em Montenegro e amanhã acordarei em Pelotas”. Não tive *tempo* de ouvir o restante da conversa, mas isso já foi o suficiente para me colocar a pensar nas nossas necessidades de deslocamento, que abrem poucas brechas ao exercício do deslocamento a pé. Também me fez pensar nos conceitos de longe e perto que tenho observado há tempos, sempre diferentes dependendo da região onde a pessoa cresceu. Para quem é do interior, o vizinho que mora a cinco quilômetros de distância é logo ali. Para quem é da região urbana das cidades, cinco quadras são longe demais para ir caminhando.

Embora eu seja de origem interiorana e do afeto que tenho por tais lugares, este é um ambiente que conheço e nunca tive receio em desbravar. Já a zona urbana me era proibida. E como tudo que é proibido, cobiçado. Ao contrário dos artistas da *Land art*, que buscavam na natureza um distanciamento do território urbano onde “a ação na natureza se deve também ao desejo desses artistas de buscar a solidão e a meditação como contraponto a urbanização crescente” (CANTON, p. 19, 2009), é na cidade que está meu objeto de desejo. É por ela que desde muito carrego interesse e curiosidade. Esse lugar mutante que se transforma constantemente.

Por mais organizada que tentem torná-la seus governantes, é sempre possível encontrar uma nova rua, um beco ou uma travessa a ser explorada. Essa organização remete a uma necessidade de controle dos espaços da cidade, como nos mostra Rolnik:

Evidentemente, as cidades imaginárias dos pensadores utópicos não viraram realidade. Sua importância, entretanto, residia fato de expressarem claramente um programa de intervenção do Estado na cidade, cujos termos principais se repetem até no planejamento computadorizado de hoje. O primeiro é a leitura mecânica de cidade – a cidade como circulação de fluxo – de pedestre, de veículos, de tropas, de cargas ou de ventos. O segundo é a ideia de ordenação

matemática – a regularidade e repetição – como base da racionalização na produção do espaço. Ainda o terceiro pressuposto é a ideia de que uma cidade planejada é uma cidade sem males, utopia que até hoje seduz os defensores do planejamento urbano. E finalmente nas utopias está esboçada a possibilidade de o Estado controlar a cidade, através do esquadramento e domínio de seus espaços. (ROLNIK, 1995, P. 59).

Tento desvendar a cidade como ambiente experimental onde o vagar possa possibilitar criações poéticas, vivendo este espaço de modo a refazê-lo constantemente, construindo-nos enquanto ocupantes deste lugar: “É isso que somos: a cidade corporificada – lhe damos forma à medida que ela nos forma. E vice-versa” (GONCALVES, 2008, p. 11). O que sobra disso são registros escritos em meus cadernos de campo, fotografias e o desejo de reunir pessoas em situações de ordem não cotidiana. Esses registros não são descrições literais dos lugares onde passei, mas falam sobre estes locais permitindo ao leitor que faça sua caminhada e assim quebrem a invariabilidade de percursos habituais.

Paisagem é algo que está ao ar livre? Que é natural? Paisagem é construída? Meio ambiente é paisagem? E por que não é inteiro? A paisagem organiza o espaço? Ou desorganiza? Ou é orgânica? Jardim é paisagem natural ou artificial? Ou em construção? Ou é paisagem natural produto de um artifício? Vai entender os jardins!

Hélio Oiticica, além de promover ações de interação com o público, tinha o hábito de escrever sobre as coisas que vivenciava. Aproximo minha pesquisa artística e a produção textual que a acompanha ao processo empreendido por Oiticica.

Imagem 10: Texto registro de Hélio Oiticica, 1969.

O “achar” na paisagem do mundo urbano, rural etc., elementos Parangolé, está também aí incluído como o “estabelecer relações perceptivo-estruturais” do que cresce na trama estrutural do Parangolé (que representa aqui o caráter geral da estrutura-cor no espaço ambiental) e o que é “achado” no mundo espacial ambiental. Na arquitetura da “favela”, por exemplo, está implícito um caráter do Parangolé, tal a organicidade estrutural entre os elementos que o constituem e a circulação interna e o desmembramento externo dessas construções; não há passagens bruscas do “quarto” para a “sala” ou “cozinha”, mas o essencial que define cada parte que se liga à outra em continuidade.

Imagem 11: Texto registro de caminhada, 2015.

O que é paisagem? Que lugares são esses que passamos todos os dias? Quem somos quando passamos por outros lugares? Habitamos os lugares por onde passamos. Nos tornamos iguais aos que lá permanecem? O que nos torna sujeitos de um lugar? Como reinventar a paisagem?

.....

Fonte: acervo pessoal.

Os relatos de caminhadas realizadas contidos nos envelopes que serão distribuídos antes do dia da defesa deste trabalho são como reinvenções do espaço já percorrido, portanto, habitado por mim.

De uma geografia preestabelecida, que se estende (se a gente se limita apenas a casa) desde os quatinhos, tão pequena que “não se pode fazer nada neles” até ao legendário celeiro, desaparecido, “que serve para tudo”, os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaço. (CERTEAU, 2002, p. 207.)

Nestes escritos, há reflexões dos pensamentos suscitados a partir das caminhadas realizadas. Não são exatamente escritos que descrevem lugares, mas “posso visualizar o que está acontecendo”, ouvi das pessoas que os leram. O que está contido nos envelopes é a presença do já feito. Estes elementos falam sobre o caminho, não tendo a pretensão de guardar, e sim compartilhar com a cidade o que trouxe dela.

Nos envelopes são inseridos cartões com textos indicando experimentos já realizados⁵ por mim como uma proposta a quem se dispor a retomá-los. Estes experimentos foram realizados durante o tempo de pesquisa como forma de explorar diferentes visões da cidade.

Imagem 12: Texto experimento de caminhada. Fonte: acervo pessoal.

Experimento nº 1 – Pegue um rolo de cordão (de qualquer espessura). Amarre uma ponta no portão da sua casa. Saia caminhando. Observe a reação das pessoas.

Fonte: acervo pessoal.

Imagem 13: Texto experimento de caminhada.

Experimento nº 2 – Pegue um pacote de sementes. Plante-as em um terreno baldio.

Fonte: acervo pessoal.

⁵ Experimentos: Nº 1: cordão, Nº 2: semear em terreno baldio, Nº 3: andar ao acaso e ler poesias, Nº 4: convidar os amigos para um piquenique, Nº 5: desenho no ônibus, Nº 6: descrever um lugar especial. (Este último traz referência do primeiro projeto de pesquisa).

Imagem 14: Texto experimento de caminhada.

Experimento nº 3 – Selecione algumas poesias. Saia de casa e vire à esquerda. Caminhe por meia hora. Leia as poesias ao ar livre.

Fonte: acervo pessoal.

Imagem 15: Texto experimento de caminhada.

Experimento nº 4 – Revire os armários e pegue tudo que tem potencial para um piquenique. Chame os amigos e leve-os para um lugar especial.

Fonte: acervo pessoal.

Imagem 16: Texto experimento de caminhada.

Experimento nº 5 – Pegue papel e caneta e entre em um ônibus. Pouse a caneta suavemente sobre o papel sem afasta- lá até o final da viagem. Observe o mapa do trajeto.

Fonte: acervo pessoal.

Imagem 17: Texto experimento de caminhada.

Experimento nº 6 – Onde é seu “lugar especial”?
 Escreva sobre ele, conte porque ele é especial.
 Descreva como fazer para chegar até lá
 elaborando um roteiro.

Fonte: acervo pessoal.

Pensar. Ficar um pouco consigo. Atrasada para aula toca essa música no celular. Andar mais devagar. Vagar. Que vontade de pegar outro caminho. Olho ao redor. Tem lua no céu. Há vários caminhos que levam ao mesmo lugar. Permita-se pequenos momentos de novidade: - Vá para casa por ruas diferentes (todos os dias). – Ande no escuro (sempre que precisar andar à noite). – Ande de costas (é engraçado).

.....

É na cidade onde ocorrem os deslocamentos que o caminhar torna-se uma ação com fim em si mesma. André Severo e Maria Helena Bernardes relatam no livro *Dilúvio*, 2011, sobre a importância de um “estado de trânsito” em que assumem a ação de deslocar-se como proposição central de seus trabalhos. Para esses artistas

A ação potencializaria o “estado de trânsito” (...) e transformaria os deslocamentos – que também incluíam as viagens – no único elemento constante de nossas ações. A partir dali, tornou-se claro que os deslocamentos tinham um papel central para que nosso pensamento não se apegasse a estratégias e conceitos pré-estabelecidos que formulávamos para compreender o que fazíamos e por quê. (SEVERO, BERNARDES, 2011, P. 32).

A cidade é como um organismo vivo, orgânico. Disponível a quem se disponibiliza a percorrê-la. Pensando nesta disponibilidade da rua foi que realizei diversas ações me deslocando pelo espaço urbano, o que resultou em registros escritos e fotográficos após as caminhadas. Os textos são uma forma de guardar o pensamento e escrevo nos cadernos de campo impressões que não quero que escapem, que se não

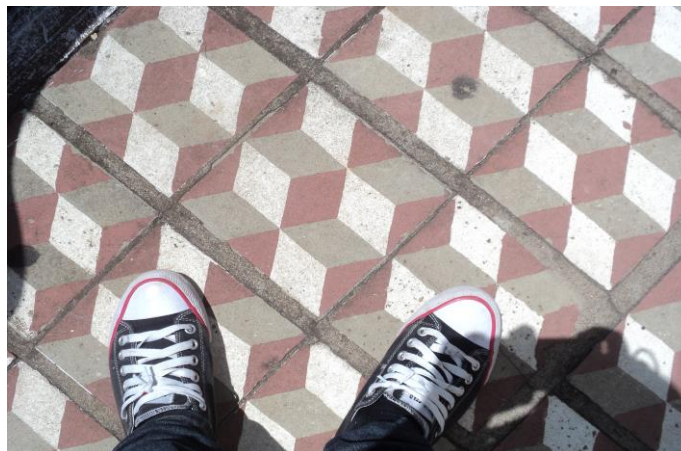
forem anotadas irão para um lugar da memória que dificilmente serei capaz de acessar novamente. Quanto às fotografias, em geral não mostram pessoas nem paisagens que remetam a lugares turísticos. Analisando-as podemos perceber três diferenças recorrentes. Na primeira aparecem imagens que não mostram a localização geográfica no mapa, mostra detalhes que falam sobre este lugar e de como ele é. Esta série conta com seis fotografias. No segundo tipo de imagens, que consiste em sete fotografias, aparecem pés (sempre os meus) que, assim como as primeiras, não mostram o lugar em si, mostram minha presença nestes espaços. O terceiro, conjunto composto de seis fotografias, apresenta pequenas placas com indicações fora dos padrões corriqueiros da cidade, como placas comerciais ou de localização. São como pequenos recados para o espaço urbano. Dentro de cada envelope há uma imagem fotográfica de cada série escolhida aleatoriamente por mim.

Imagem 18: Registro de caminhada1, fotografia, 2014



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 19: Registro de caminhada 2, fotografia, 2013.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 20: Registro de caminhada 3, fotografia, 2013.



Fonte: acervo pessoal.

3. Múltiplo: A arte que não quer ser única

Múltiplo: que não é simples, diz o dicionário. Compartilhar, diz a arte. Que é tão simples que se reparte, divide, multiplica para que dessa forma possa ser acessado por um maior número de pessoas. Objeto semelhante a muitos encontrados no cotidiano, provindo de linhas de produção. Que não quer ser isolado, único passível de cerimônia e contemplação. E essa disposição para a partilha, cabe em uma galeria?

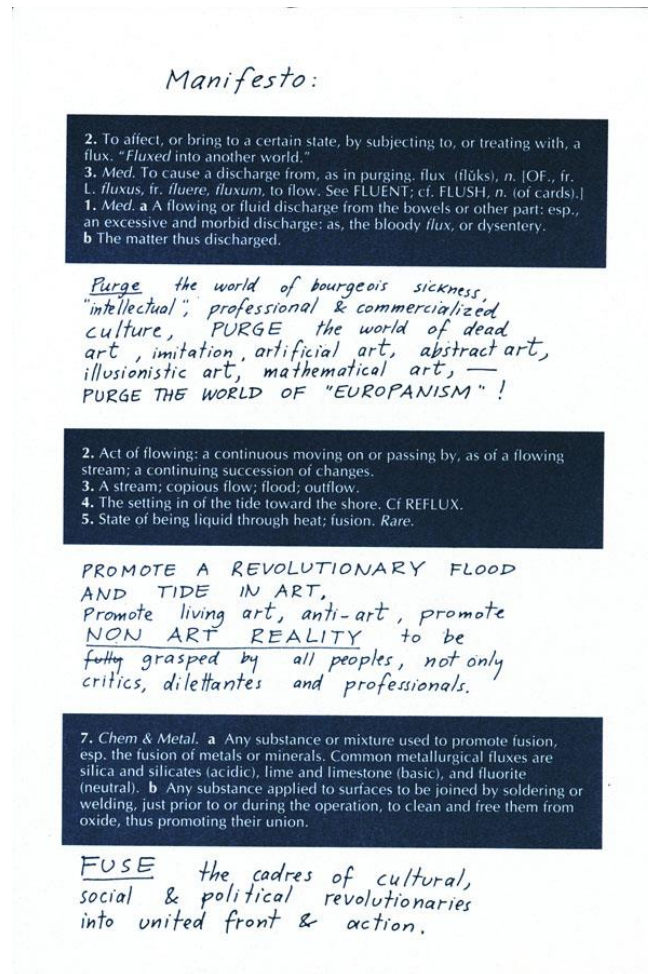
O conceito de múltiplo nas artes visuais está relacionado a muitas práticas, como a gravura, a fotografia, os moldes de esculturas e outras formas de reprodutibilidade; entretanto, é a partir das décadas de 1960 e 1970, com a Arte Conceitual e alguns artistas como Joseph Beuys e o Grupo Fluxus, que sua consolidação ocorrerá na arte contemporânea. O Fluxus, um grupo de jovens, entre eles artistas visuais, músicos e poetas, teve grande influência no desenvolvimento de múltiplos. Segundo Walter Zanini, eles se posicionavam contrários à ideia de “*status quo*” da arte, buscando no formato *múltiplo* uma alternativa para o sistema e ainda hoje influenciam discussões sobre este tema. Para Zanini:

O Grupo Fluxus configurou-se como uma comunidade informal de músicos, artistas plásticos e poetas radicalmente contrários ao *status quo* da arte. Não obstante ainda hoje atraia detratores, a alternativa anticulto que o movimento revelou nos inícios da década de 1960 foi altamente contagiante, recebendo, em sua trajetória, consciente ou inconscientemente, o acatamento de múltiplos artistas espalhados pelo mundo. O debate sobre suas ideias não cessou quarenta anos depois e sequências fluxistas são admitidas na arte mais atual. (ZANINI, 2004, p. 2).

Este grupo de artistas costumava elaborar suas produções coletivamente questionando a ideia de autoria. Buscavam, dessa forma, aproximar a arte da vida. Para este grupo, palavra e gesto eram materiais fundamentais do artista e, assim, organizava diversos objetos múltiplos, opondo-se a ideia de objeto artístico como mercadoria, pois estes poderiam ser distribuídos e reproduzidos por todo o mundo.

Fizeram parte dessa rede de conexões artistas como: George Brecht, Yoko Ono, Joseph Beuys, Nam June Paik, Wolf Wostell, Ben Vautier, Robert Filliou, John Cage, György Ligeti, Dick Higgins, entre outros.

Imagem 21: Manifesto Fluxos



Fonte: site George Maciunas Foundation Inc.

Joseph Beuys (Alemanha, 1921-1986) teve breve participação no Grupo Fluxus. Seus trabalhos eram políticos, uma vez que Beuys entendia arte como movimento vivido por todos. Para ele "todo homem é um artista". Suas proposições, que vão desde desenhos, anotações, pinturas, esculturas, instalações, performances, *happenings* e palestras, discutiam os limites entre arte e não-arte/arte e vida. O artista defendia que a arte deveria aguçar os sentidos e a percepção humana, ampliando e desenvolvendo a organização sensitiva para todos os lados, a ponto de levar o homem à descoberta de novos sentidos.

Na obra de Joseph Beuys, o conceito de ritual está muito presente. Em 1965, com o rosto coberto de banha e pó dourado, Beuys passou horas e horas explicando suas teorias de arte a uma lebre morta durante a performance realizada em Dusseldorf.

Imagem 22: Como explicar arte para uma lebre morta, 1965.



Fonte: site ArteCapital.

Tenho me questionado quanto a isso. Porém, depois da pré-banca essa questão ficou ainda mais evidente. Aprecio os trabalhos das galerias e sou uma visitadora frequente desses ambientes. Contudo, como o espaço vivido da cidade pode ser colocado na galeria? De diversas formas. Afinal, muitos foram os artistas que o fizeram e muitos são os que ainda o fazem. Até mesmo os artistas que rejeitaram a galeria, tentando manter-se fora do circuito do sistema da arte, foram parar dentro dela, incorporados por tal sistema. (Será que se trata de uma rejeição?). Segundo Bernardes e Severo, 2011, não existe o fora do sistema.

O que se entende normalmente como “sistema de arte” é apenas uma parte de algo maior, de um sistema ampliado de trocas artísticas, um campo expandido para além das instituições e dos eventos culturais urbanos; um terreno móvel que alcança qualquer ponto da sociedade onde uma ação artística possa ocorrer, ser comunicada ou debatida. Onde quer que a arte reverbere, onde suas ações e pensamentos forem compartilhados, transformados ou apropriados, onde se produza uma troca humana em nome da arte, esse lugar integrará seu sistema de produção, comunicação e circulação, será parte de seu sistema. (BERNARDES; SEVERO, 2011, p. 28; 29).

Não levar o trabalho para a galeria torna-o mais visível no sentido de deixar-se circular por outros espaços. Devolve para a cidade o que de certa forma retirou-se dela. Por este motivo penso que compartilhar minhas caminhadas neste

formato resolve de forma mais adequada este problema. Os envelopes me possibilitam compartilhar o já vivido em maior escala. O que está na galeria não é mais nem menos arte. A questão que tento trazer para este trabalho é outra. O que está fora dela complementa este universo de visualidade delicado que chamamos de arte.

Caminhos, ruas, estradas, derivas, passagens, pessoas, passantes, pedestres. Estar no mundo. Isto é Arte? Por que não se aprende na escola? Sistema, valores. Coisas que fazem as pessoas não gostarem de arte.

.....

3.1. Convite

“O tempo vivido, (...), talvez seja a derradeira terra incógnita a ser explorada” Nicolas Bourriaud

Um convite para compartilhar um momento: entre as ações que realizei durante o tempo de pesquisa, o cartão de visitas *Fique um pouco consigo mesmo*, fala das caminhadas em si, que foram quase sempre solitárias. E as *Ocorrências*, remetendo ao termo utilizado por Maria Helena Bernardes, como chás e piqueniques promovidos por mim durante este tempo, foram os momentos de encontros, de compartilhar com pessoas próximas a possibilidade de quebrar a rotina de forma carinhosa. Por isso julgo importante que este ciclo se encerre com um encontro em que convido os professores da banca, amigos e demais interessados no caminhar enquanto arte para um chá na Estação da Cultura em Montenegro no dia da banca.

Na arte recente, têm surgido muitos artistas que lidam com o coletivo e o convite à participação de outras pessoas em seus trabalhos. Existem diferentes classificações para estas práticas artísticas, como a arte relacional⁶, desenvolvida por Nicolas Bourriaud. Não pretendo, entretanto, enquadrar meu trabalho em uma única definição teórica dentro do campo da arte. Neste estágio em que se encontra minha pesquisa, aproximo-a mais de artistas como os já citados: Alÿs, Bernardes e Severo, entre outros que pensam a arte enquanto partilha. Richard Sennett fala das oficinas como meios de

⁶ Arte relacional consiste em uma teoria de arte surgida na década de 1990, sua principal característica é a ênfase nas relações humanas que se estabelecem entre artista e público como produção artística, segundo conceito desenvolvido pelo filósofo francês Nicolas Bourriaud no livro *Estética Relacional*, 2009.

compartilhar, “Trabalho aberto a todos, participação ativa, reconfiguração do trabalho, em que houvesse cooperação. (...) Desde a antiguidade a oficina tem sido um modo de constante cooperação”. (Sennett, 2012).

Este chá cooperativo, onde cada integrante traz sua xícara, é um modo de compartilhar. Assim, podemos trocar ideias e quem sabe, desvendar novos projetos a partir desse encontro.

Considerações finais

Antes de tudo, devo dizer que trago as mesmas perguntas do início do texto, pois estas continuam sem uma resposta definitiva. Chego aqui com mais perguntas do que no começo desta investigação. Seria esta a função de um Trabalho de Conclusão de Curso? E o meu caminhar? Que tempo é este que o caminhar nos traz, tão diferente do que vivemos? Certamente o tempo de caminhar é diferente. Como diz Gonçalves, “caminhar é um estado de deslocamento” (Gonçalves, 2008, p.22), e transmite a cidade um ritmo particular.

Após toda a pesquisa posso dizer que sim: este caminhar é um processo artístico que não necessita do aval de uma galeria e nem por isso deixa de fazer parte do sistema da arte, como afirma Bernardes e Severo, se existe faz parte de um sistema maior.

Caminhando cheguei a lugar nenhum.

Estamos no Museu do Olho, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer. O vidro no chão nos dá a sensação de estarmos submergindo. Parece que estamos em uma história de filme de terror. Um olho, um corpo que reflete no lago. Dia nublado. Vamos caminhar mais um pouco. Turista ou viajante? Qual a diferença? Paradas olhando a imagem. Ela também nos olha? O mapa como é posto pelo artista sugere uma hierarquia mostrando o que é mais importante acima e o que tem menos valor abaixo. Noé subverte esta lógica ao colocar o mapa da América de lado. Postas lado a lado as três Américas parecem uma só. Nenhuma mais nem menos importante que a outra. Iguais. Volta para vida real. “O que os olhos não veem a pele sente.” De onde surgiu essa ideia?

Referências

- BALDISSEROTTO, Ana Flávia; BERNARDES, Maria Helena. **Documento Areal 11 - A estrada que não sabe de nada**. Porto Alegre: Confraria do Vento, 2012.
- BERNARDES, Maria Helena. **Arte e vida cotidiana**- 22º Seminário de Arte Educação, 2010, (PDF fornecido pela autora).
- BERNARDES, Maria Helena, e SEVERO, André. **Dilúvio**. Belo Horizonte. JÁ – CA, 2011.
- BISHOP, Claire. **Antagonismo e Estética Relacional**. Disponível em:Acesso em 20/04/2012.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Formas de Vida: A Arte Moderna e a Invenção de Si**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Mini Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2007.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes: O Caminhar como Prática Estética**. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- CANTON, Kátia. **Espaço e Lugar**. São Paulo:WMF Martins Fontes, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano – 1, Arte de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GONÇALVES, Mônica Hoff. **Por uma pedagogia a pé: a caminhada como construção poética**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Faculdade de Educação / Curso de Especialização em Pedagogia da Arte, orientação de PEREIRA, Marcelo de Andrade, 2008.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva: Escritos Situacionistas sobre a Cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- JULY, Miranda. **O Escolhido Foi Você**. São Paulo: Editora Schwarcz S. A., 2013.
- OITICICA, Hélio. **O museu é o mundo**. Org. César Oiticica Filho. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.
- PAESE, Celma. **Caminhando: O caminhar como práticasócioestética, estudos sobre arquitetura móvel**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.
- ROLNIK, Raquel. **O que é Cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SENNETT, Richard. **Juntos: Os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- ZANINI, Walter. **A Atualidade de Fluxos**. São Paulo: Scielo, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202004000300002. Acesso em: 02/12/2015.

Vídeos:

A lógica do condomínio com Vladimir Safatle – Café Filosófico – Data indisponível. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9mUmZQ6o8mk>. Acesso em: 28/10/2015.

Referências das imagens

Imagens 3 e 4 – <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa48/helio-oitica>. Acesso em: 22/11/2015.

Imagem 21 – Disponível em: <http://georgemaciunas.com/about/cv/manifesto-i/> Acesso em: 02/12/2015.

Imagens 5, 6 e 8 – Disponível em: <http://francisalys.com/> Acesso em: 22/06/2016.

Imagem 22 – Disponível em: <http://www.artecapital.net/perspetiva-149-artecapital-foco-em-madrid-arco-e-12-exposicoes-para-visitar>. Acesso em: 02/12/2015.

Anexo

Registros das caminhadas

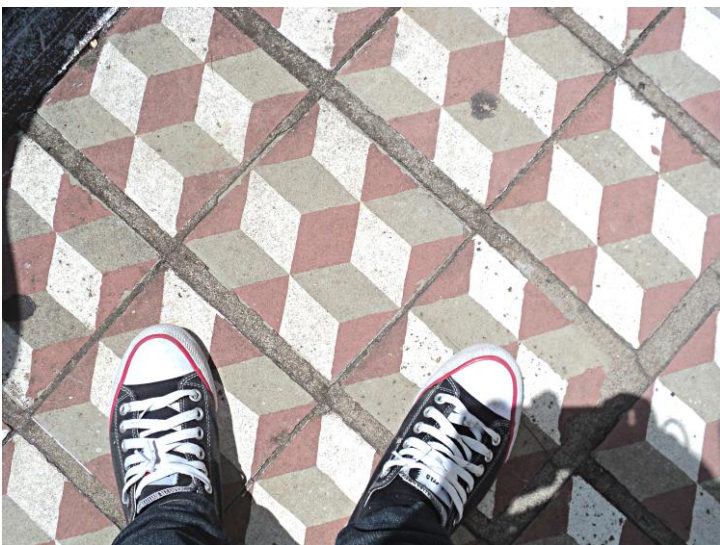
Série 1 – Detalhes que falam dos lugares sem identifica-los (seis imagens)







Série 2 – Presença nos lugares (sete imagens)



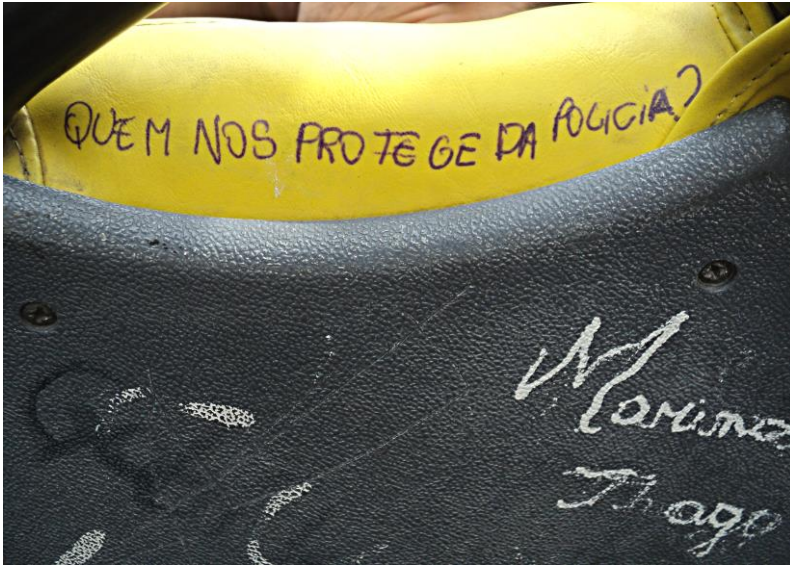




Série 3 – Pequenos recados para a cidade (cinco imagens)







Registros realizados no dia da chá/banca:





